



# GIBI DO HUMOR TORTO

Edição  
Nº 24



humor de boteco grotesco



A gente já fez de tudo e já contou todas as piadas do velho livro de anedotas. Hoje eu reli certos causos: eram sete ilustrações que eu devia ter feito no espírito da *Mad*. O bom da vida é chegar a essa idade e conseguir rir das próprias presepadas. Talvez eu ainda consiga desenhar mais alguns quadrinhos do Gibi do Humor Torto – humor de boteco, grotesco e ácido, mas ainda assim muito melhor do que essas coisas da internet.

O Editor não espera que ninguém curta, compartilhe ou se identifique com essas tranqueiras digitais. Até porque ele nunca teve talento algum para cartunista – e nem pretende fingir que teve.

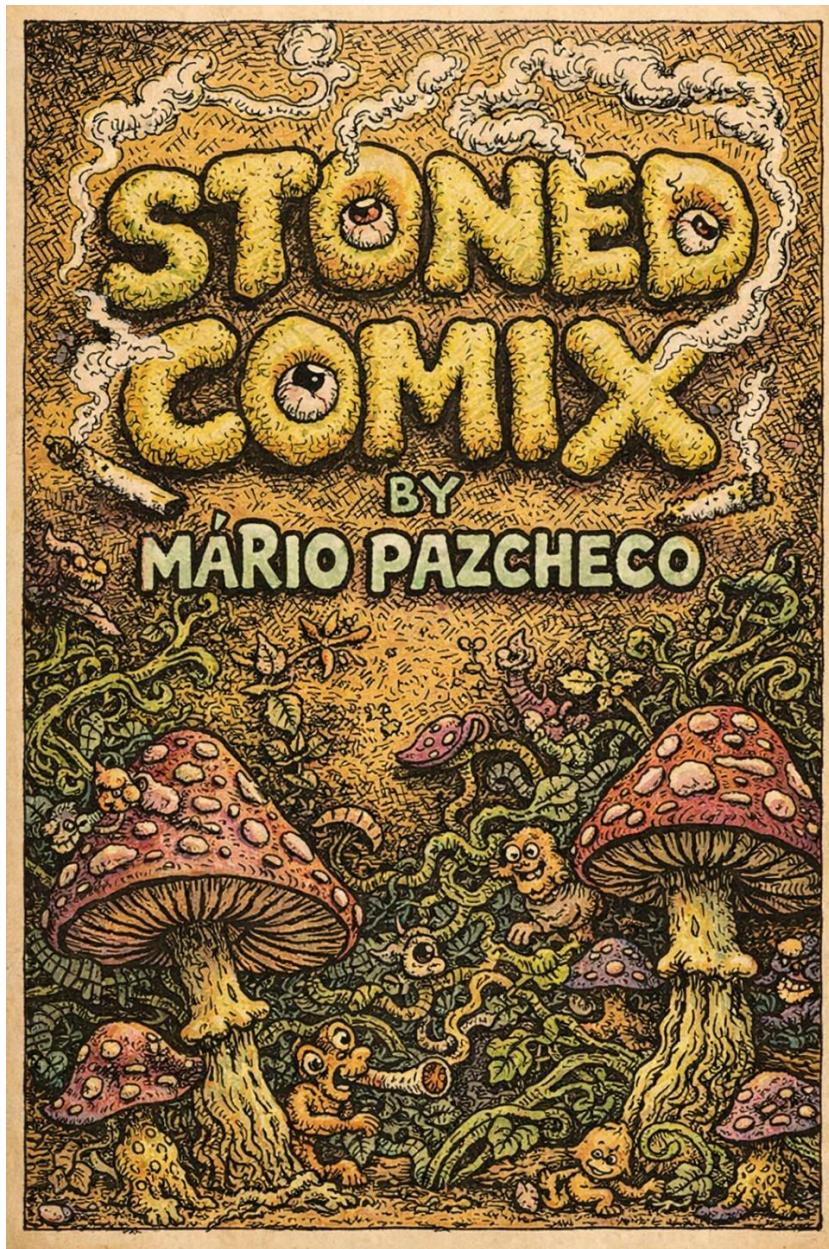
Como também nunca tivemos acesso a emenda parlamentar felpuda, dessas que fabricam livros mágicos e carreiras reluzentes,

restou fazer o óbvio: jogar o Gibi do Humor Torto no mundo digital, sem pedir licença e sem promessa de satisfação.

Ao ler isso aqui, considere-se um privilegiado. Você faz parte de um grupo seletivo de testemunhas dessa barbárie gráfica que vai frontalmente contra a convenção da alegria online, do conteúdo edificante e da positividade obrigatória.

Não espere conforto, aprendizado ou elevação espiritual.

E, principalmente, não levante do sofá: é o lugar mais seguro para encarar este gibi.





## HISTÓRIAS CLÁSSICAS DO ROCK'N'ROLL

Ângelus vive se oferecendo para tocar lá em casa. Eu sempre devolvo a pergunta básica:

— E o som?

Ele desconversa, inventa soluções mágicas do tipo "junta minhas coisas com as suas". Não dá.

Misturar equipamento assim só termina em prejuízo — geralmente para o vocalista, que é quem paga o pato.

No último encontro, ele apareceu com o Ted. O esperto do Ângelus tratou logo de tirar o corpo fora e passar a bola:

— Eu topo.

Aí fui direto ao ponto:





– Ted, quanto custa o som?

– Mil e quinhentos reais. Se quiser o banner, sai por dois mil.

Expliquei que o Do Próprio Bolso não tem patrocinadores como a Aruc estampados em banner nenhum. Disse que, estourando, eu poderia pagar mil reais – claro, cotizados entre cinco bandas.

Ted, no pleno direito dele, disse que não dava. Apertei a mão, me despedi e fui claro:

– Não espere ligação minha.

Depois desse episódio, seguimos do nosso jeito: comprando caixas decentes, velhas, porém potentes – sobreviventes como a gente.

Nem sei o que vou responder quando, num show de barzinho qualquer, alguém perguntar:

– Quando vai rolar um rock na sua casa?

Talvez eu diga: quando ajudarem a bancar o som.

Ou talvez eu só ria e responda que o povo anda cheio é de banda cover.





Juca foi almoçar, e os pais logo perguntaram por que ele estava tossindo tanto e com os olhos vermelhos.

Ele respondeu, com a maior naturalidade:

— É que eu vim da casa do Mário!

Aí eu pensei: ué... lá em casa não tem fogão a lenha.

Juca, na verdade, tinha tido um pitiripapo.

Juca era um bom menino, andava em boas companhias, cheio de si. Pegou a caranga do pai e foi dar um giro — naquele tempo ainda não tinham inventado a palavra rolê.





Juca voltou, estacionou o carro direitinho na garagem.

O pai estranhou.

O carro estava batido.

— Juca, o que foi que aconteceu?

Juca respondeu, meio atravessado:

— É que eu fui pegar o cigarro...

O pai explodiu:

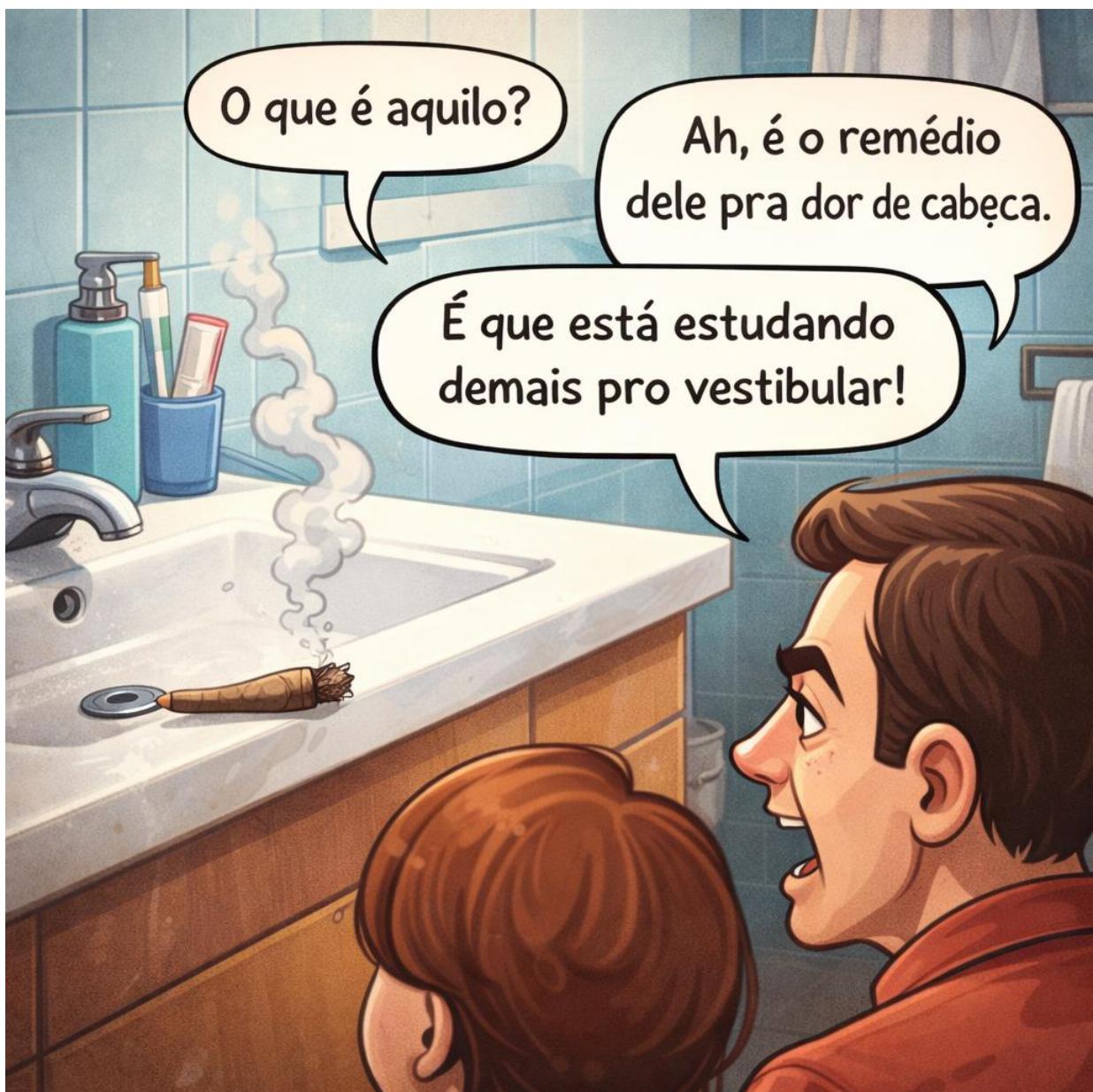
— Que cigarro, Juca?! Você nem fuma!





Juca me visitou e pediu para usar o banheiro. Ao sair, esqueceu em cima da pia um cigarro artesanal, desses de cheiro suspeito. Perguntaram o que era aquilo. Respondi, sem piscar:

— Ah, é o remédio dele pra dor de cabeça. É que está estudando demais pro vestibular!





Juca e um amigo vieram me visitar no sábado. Ficaram ali, debaixo da bananeira, de onde subia uma fumaça meio suspeita. Meu pai perguntou: — O que aqueles dois estão fazendo ali?

Respondi, com a maior calma: — Ah, sim... pedi pra incendiarem a caixa de marimbondos.





Nos cinco dias da semana, Juca deixava um envelope suspeito na caixa de correspondência do vizinho. Começaram a achar que podiam ser papéis comunistas. O vizinho, intrigado, perguntou: — O que é aquilo? Respondi, com a maior naturalidade do mundo: — Ah... é um serviço particular de distribuição de trabalhos da escola. Ou então um estágio pros Correios — tem que lamber o selo. Também pode ser que estejam trocando revistas suecas de sacanagem.



Eu fazia o tipo que achava que nenhuma pergunta devia ficar sem resposta – e que a resposta precisava ser melhor que a pergunta. Juca estava namorando a menina do fim da rua, aquela que passava em frente ao comércio todas as manhãs, a caminho da praça. Lá, o movimento era grande: todo mundo dava uma passada no carrinho de bebê pra ver a criança. O vizinho comentou: – Que agitação toda é essa? Respondi: – A criança é bonita. Vai lá matar a curiosidade. E compre um número da rifa! Só que o Juca, que vendia cachorro-quente na Kombi – junto com um ingrediente “medicinal” – podia não gostar nada dessa curiosidade toda e acabar ficando com o ciúmes “mata corno”. O vizinho nunca mais me perguntou nada

O nome do Jukinha é Marcelo. Ele aparecia lá em casa depois do almoço, geralmente no horário em que eu lavava a louça e me armava para encarar o caderno de contabilidade. Enquanto isso, Jukinha arrancava um cantinho da folha de pauta e apertava um microbaseado, fiel à sua política pessoal: “uma bola bem



prensada faz até cabeça de elefante". Em certo momento ele me perguntou: – Onde? Respondi sem pensar muito: – Desce a estradinha. Debaixo do bambuzal tá fazendo uma sombra bem fresca. Minutos depois, Jukinha voltou aos berros: – Fui atacado por uma nuvem de mutucas que queria entrar no meu cabelo! No dia seguinte, ainda insistiu: – E o microbaseado? Respondi, com a maior naturalidade: – As formigas carregaram.



O nome do Jukinha é Edinaldo. Naquele domingo eu tive de levantar antes mesmo do sol dar as caras. Era dia de concurso – daqueles de bom nível salarial – e eu precisava pegar ônibus rumo ao Parque da Cidade para encarar as provas. A caminho da parada, dei de frente com o Jukinha, que acabara de incinerar um “charo”. Usava óculos escuros, estava bem-apessoado e, espiritual e materialmente, muito mais integrado à sociedade do que eu, um jovem marxista imberbe, cheio de teoria e bolso vazio. Jukinha vinha de uma família de advogados com escritório montado e, naquele tempo de ditadura, curiosamente, a palavra “corrupção” nunca aparecia no jornal. Nos caminhos tortos da vida, Jukinha foi aprovado. Eu, não. Fiquei na fila do desemprego por um bom tempo. Um dia, o Mirão – dono do Bar Esperança e sabedor da vida alheia como poucos – me soltou a sentença: – Menino! Não é que você seja mais burro que o

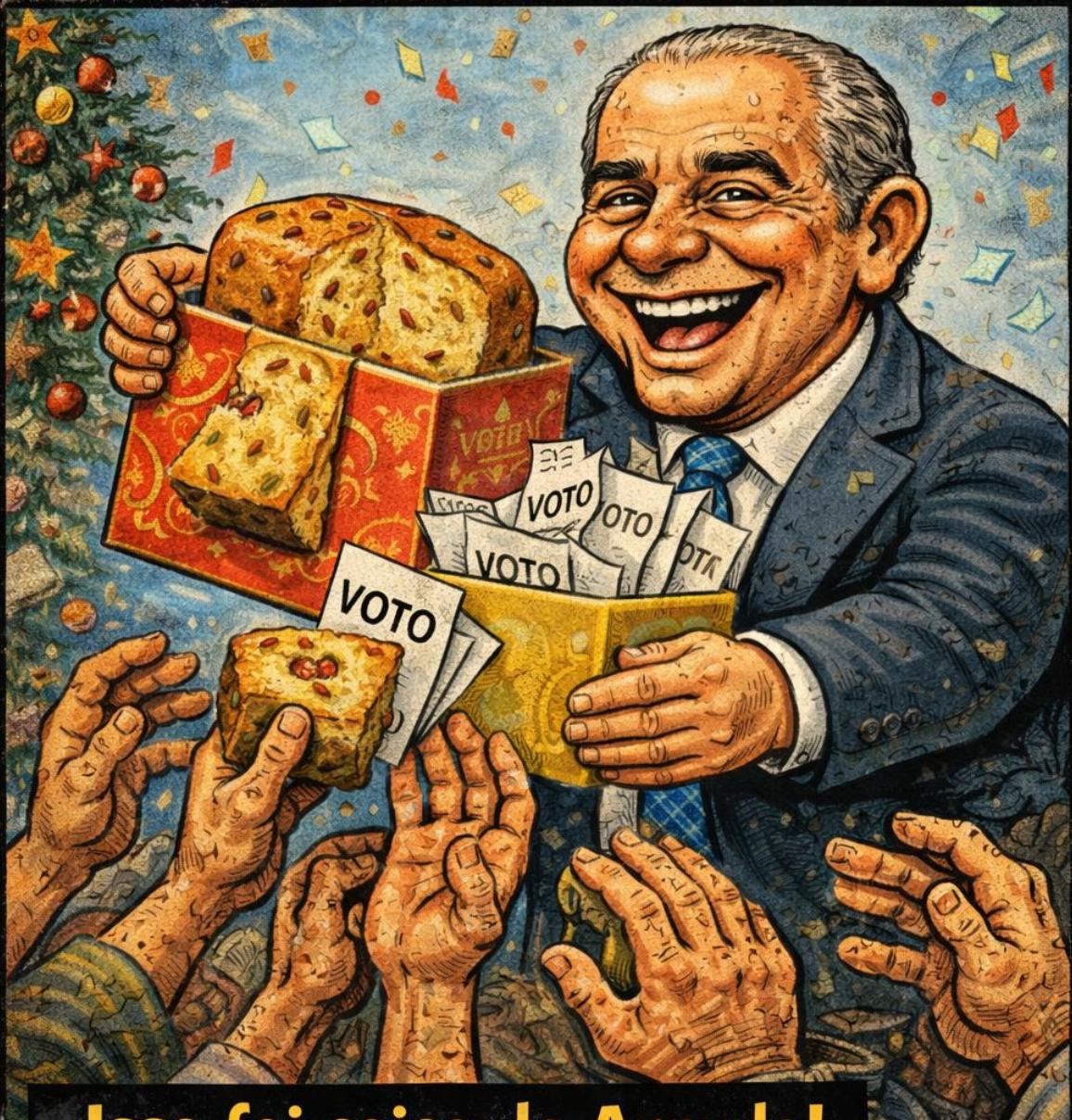
Jukinha. É que ele já tinha as respostas. Até hoje, de vez em quando, o Jukinha ainda faz questão de me lembrar que passou no concurso... e eu não.



Na 32, aqueles caras eram os melhores vizinhos que alguém poderia ter. Não havia hora certa pra farras nem pro bom humor – cada diversão tinha sua hora secreta, adequada a todo tipo de situação. Bastava estar a fim. E tinha também o boteco 32 Graus, que atravessava a noite. Era escuro demais, diziam que pra economizar energia, mas todo mundo sabia que a penumbra ajudava a alongar as conversas. Um dia, Dilson me chamou pra tomar uma cerveja. Aceitei, pois eu vivia "duro". Ele foi puxando papo, apontando discretamente: – E aquela ali? – E aquele faz o quê? – Esse tem cara de... Dilson parecia excessivamente interessado na vizinhança. Aí eu cortei: – Dilson, por que você não vai direto na 4<sup>a</sup> DP pedir informação pros delegados? Afinal, todos nós temos um B.O. lá.



# PANETONE E UNS VOTINHOS...



# Isso foi coisa do Arruda!



Não precisa dar like, basta curtir: O mundo digital é maravilhoso até o momento em que, com uma única linha, ele despeja todo o desconforto acumulado do que acontece no país desde que a gente nasceu. Aí, curiosamente, a vida fica até mais divertida.

